



VIVOS EM CRISTO!

Mensagem para a celebração de todos os nossos queridos defuntos

15 de Novembro de 2020

Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: "Por amor de ti enfrentamos a morte todos os dias; somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro". Mas, em todas estas coisas somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. (Romanos 8:35-37)

"Com a sua morte, perdi ambos os braços"; "É a minha vez de o elogiar. Estava sempre disposto a sacrificar-se, para me poupar; era um homem que tinha a arte de se esconder e possuía verdadeira humildade"; "Que perda para o Santuário e maior ainda para o Instituto e para as Missões"; "Prometemos dizer a verdade um ao outro e sempre o fizemos"; "Foram 42 anos que passámos juntos, éramos um só..." (Beato José Allamano, recordando o seu fiel colaborador e cofundador Tiago Camisassa).

Caros missionários, missionárias, membros da família, amigos, benfeitores, todos, por ocasião da comemoração dos nossos queridos defuntos, considerando a situação causada pelo coronavírus, quero confiar-vos fraternalmente esta meditação como um sinal de comunhão e em espírito de família.

Celebrar a memória dos nossos queridos defuntos (missionários, amigos, familiares, benfeitores) este ano tem um significado muito especial. Celebrando a memória dos mortos no meio de uma pandemia mundial onde fomos trazidos de volta ao essencial, onde nos "habituámos" a viver com a

morte e não apenas no pensamento pessoal, onde compreendemos que a vida é um dom frágil de que ninguém pode dispor, tem um tom particular e profundo.

Assim, enfrentamos respeitosamente o mistério da morte e recordamos com profunda ternura quem nos deixou. A morte é uma teoria até perdermos alguém que conhecemos e frequentamos diariamente, com quem tecemos um pedaço de vida. Pensar na morte e nos entes queridos que morreram obrigamos a refletir, a levar a vida a sério e a resposta ao dilema da morte dá sentido à nossa vida. A atitude perante a própria morte, uma atitude adulta, nem deprimida nem supersticiosa, está na origem de uma busca mais profunda do mistério da própria vida.

Quando vedes que o número dos colegas da vossa idade está a diminuir gradualmente, então compreendeis que o vosso tempo também está a esgotar-se, que a vossa vida está nas mãos do Senhor, que está sempre mais próxima aquela última viagem para a qual, talvez, nunca estais suficientemente preparados e que quereríeis sempre adiar indefinidamente. Sim, é óbvio que se exorciza tudo isto, também se brinca com isso, tenta-se não pensar nisso com saudável ironia. No entanto, é um sentimento, este, que habita dentro de nós, que nos interroga e nos perturba. Temos de morrer, é claro. Na verdade, quando se pensa nisso, é a nossa única certeza.

Perante a morte sentimos uma forte rebelião e raiva: nunca é o momento de morrer, se devêssemos escolher quem e quando fazer morrer seria uma verdadeira catástrofe...

Deus cala-se sobre a morte e o homem é o único ser vivo que considera a morte como uma injustiça. Mas em comparação com o quê? Paradoxalmente, esta raiva revela a nossa profunda identidade, o mistério que cada um de nós é. O ser humano é o único ser vivo que está consciente da sua própria morte e se revolta contra ela.

Devemos inclinar as nossas cabeças e resignar-nos a isso? Viver de forma tão irrefletida dado que não sabemos quantos dias vamos ter? Fingir que não é nada, não pensar no assunto e endurecer as nossas caras? Não creio que seja este o melhor caminho.

A procura do "sentido" da vida é por vezes um caminho longo e acidentado, mas, sobretudo, é absolutamente pessoal, aminho necessário para todo e qualquer homem, o qual porém nunca deve ser deixado sozinho nesta caminhada: a oração, a amizade sincera podem sempre apoiá-lo... A vida, penso que todos devemos "compenetrar-nos disso" na nossa experiência diária, é uma séria responsabilidade. Pensemos na labuta daqueles que tentam crescer bem, segundo os planos de Deus: a labuta diária de uma mãe; a labuta de um pai de família, para ser apoio moral e material aos seus

entes queridos; a labuta da "procura" nos jovens; a labuta de um missionário, um padre, uma freira que se consagraram inteiramente a Deus; a labuta dos doentes em aceitar o sofrimento.

Boas notícias

Jesus tem boas notícias sobre a morte, sobre este misterioso encontro com Deus.

A morte, irmã morte, é uma porta pela qual chegamos à dimensão profunda de onde viemos, aquele aspeto invisível em que acreditamos, as coisas que permanecem porque, como disse sabiamente o Pequeno Príncipe de Saint Exupèry, o essencial é invisível aos nossos olhos.

Somos imortais e toda a nossa vida consiste em descobrir as regras do jogo, o tesouro escondido no campo, como um feto que cresce para nascer na dimensão da plenitude.

Somos imensamente mais do que aparentamos, mais do que pensamos que somos.

Somos mais: a nossa vida, por muito preenchida que esteja, por muito satisfatória que seja, nunca poderá preencher a necessidade absoluta de plenitude que carregamos dentro de nós próprios.

E Jesus confirma-nos: sim, é assim mesmo, a tua vida continua, ela floresce, floresce, cresce.

A eternidade já começou, vamos aproveitá-la bem, não vamos esperar pela morte, não tentemos evitá-la, mas vamos pensar nisso com serenidade para verificar a nossa vida, para ir ao essencial, para dar o verdadeiro e o melhor de nós próprios.

É a experiência de 'nos sentirmos' como peregrinos na terra, no meio de tantas dificuldades e incógnitas, dirigindo-nos sem hesitações para onde quer que Deus nos indicar: a santidade, que amanhã nos dará o direito de participar na 'multidão', descrita por João, 'revestida de vestes brancas, levando palmas nas mãos e gritando bem alto', o que sempre se acreditou: 'A salvação pertence ao nosso Deus e ao Cordeiro'.

Happy end - final feliz

No dia da nossa morte, vamos ao encontro de Deus para sermos recebidos por Ele.

No fim dos tempos, na sua plenitude, a nossa alma regressará para se juntar aos nossos corpos ressuscitados que agora guardamos em lugares que hoje

enchemos de vida, com flores e luzes, os cemitérios, palavra que em grego significa dormitórios. E será a plenitude, na qual Deus será tudo em todos.

Os nossos amigos mortos, que nós confiamos à ternura de Deus, precedem-nos nesta aventura divina.

Deus quer a salvação de cada um, com obstinação, mas Ele deixa-nos livres, porque somos por Ele amados.

Rezemos para que o Mestre nos conceda verdadeiramente fidelidade ao seu plano de amor.

A nossa oração coloca-nos em comunhão com os nossos defuntos, faz com que eles sintam o nosso afeto, na expectativa dos novos céus e nova terra que nos esperam.

A tristeza por aqueles que perdemos, este ano, é diluída em esperança, convida-nos a olhar mais além, lá longe, para a dimensão autêntica da vida. Assim, este torna-se um dia inesperado mas cheio de esperança.

A todos e para cada um: coragem e para a frente in Domino!



P. Stefano Camerlengo
Padre Geral



Roma, 2 de Novembro de 2020,
Comemoração dos fiéis falecidos